



Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 2

Denise Pereira
(Organizadora)

Denise Pereira

(Organizadora)

Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C198	Campos de saberes da história da educação no Brasil 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-455-9 DOI 10.22533/at.ed.559190507 1. Educação – Brasil – História. I. Pereira, Denise. II. Série. CDD 370
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O estudo da História da Educação sempre será muito importante para ajudar a compreender o modelo educacional que possuímos hoje, entender os possíveis erros que ocorreram de forma que possamos preveni-los e evitá-los.

Para se compreender o presente e planejar o futuro é necessário entender o passado, que neste caso é a História da Educação.

Tudo é história e tudo tem história. No processo educacional isso é ainda mais presente.

Os pesquisadores tem se interessado em compreender as ações de educação contidas na sociedade com suas diversas formas e esferas de intervenção.

Outros estudos vão de encontro com o sentido de captar as especificidades da formação e do desenvolvimento institucional observando como este modelo se articula se ao processo da construção da identidade brasileira.

Deste modo, a Editora Atena, realiza uma edição, dirigida especialmente a quem deseja compreender os diversos Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil, acolhe neste e-book a proposta de responder no meio de tantas questões que surgem do debate de compreender a educação no Brasil.

Aqui, os diversos autores investigam as questões diversas destes campos dos saberes, tais como: a arte, a cultura, a história, novas metodologias, identidade brasileira, políticas educacionais, entre outras.

Espero que essas leituras possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O BORDADO NA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Isabella Brandão Lara Ana Maria de Oliveira Galvão	
DOI 10.22533/at.ed.5591905071	
CAPÍTULO 2	13
ENSINO A DISTÂNCIA NO BRASIL: HISTÓRIA E LEGISLAÇÃO	
Bruna Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.5591905072	
CAPÍTULO 3	25
A ANPUH-SP E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS PAULISTAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DIÁLOGOS	
Ana Paula Giavara	
DOI 10.22533/at.ed.5591905073	
CAPÍTULO 4	39
DIFERENTES CENÁRIOS: UM ESTUDO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA PÚBLICA DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS – AL	
Dehon da Silva Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.5591905074	
CAPÍTULO 5	52
ENSINO DE HISTÓRIA EM MUSEUS: A EXPERIÊNCIA DA MEDIAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Priscila Lopes d’Avila Borges	
DOI 10.22533/at.ed.5591905075	
CAPÍTULO 6	61
O PROCESSO INQUISITORIAL 8064 À LUZ DA MICRO-HISTÓRIA	
Guilherme Marchiori de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.5591905076	
CAPÍTULO 7	71
OS PRONTUÁRIOS MÉDICOS COMO FONTE PARA A HISTÓRIA: O CASO DO <i>LEPROSÁRIO</i> CEARENSE ANTÔNIO DIOGO (1928-1939)	
Francisca Gabriela Bandeira Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.5591905077	
CAPÍTULO 8	82
PATRIMÔNIO CULTURAL E ENSINO DE HISTÓRIA: O ESTUDO DO MEIO COMO PRÁTICA PARA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	
Marcos Rafael da Silva Tathianni Cristini da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5591905078	

CAPÍTULO 9	92
DIÁLOGOS POSSÍVEIS PARA A (RE)INTERPRETAÇÃO DA CULTURA MATERIAL DOS MUSEUS	
Wagner Lucas Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.5591905079	
CAPÍTULO 10	101
O MITO LUSITANO DO LICANTROPO E SUA HERANÇA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO	
Maximiliano Ruste Paulino Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.55919050710	
CAPÍTULO 11	111
A FALA COMO APRENDIZADO NAS PRÁTICAS DA LIGA CAMPONESA DO ENGENHO GALILÉIA	
Reginaldo José da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55919050711	
CAPÍTULO 12	124
A INFLUÊNCIA DOS TUTORES NA EDUCAÇÃO DE ÓRFÃOS EM MARIANA (1790-1822)	
Leandro Silva de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.55919050712	
CAPÍTULO 13	131
A LEITURA DAS ATAS DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARÁ (1964 – 1985)	
Flávio William Brito Matos	
DOI 10.22533/at.ed.55919050713	
CAPÍTULO 14	142
O CONSELHO DE INTENDÊNCIA DO SERRO/MG E A INSTRUÇÃO PÚBLICA DA REPÚBLICA, DE 1890 A 1892	
Danilo Arnaldo Briskievicz	
DOI 10.22533/at.ed.55919050714	
CAPÍTULO 15	155
A POLÍTICA DE INCENTIVO ÀS MANUFATURAS TÊXTEIS EM PORTUGAL SÉCULO XVII: DOS DISCURSOS DE DUARTE RIBEIRO DE MACEDO À GESTÃO DO 3º CONDE DA ERICEIRA	
Alex Faverzani da Luz	
DOI 10.22533/at.ed.55919050715	
CAPÍTULO 16	172
AS RECORDAÇÕES IMPERTINENTES DE ISAÍAS CAMINHA: RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA, AUTOBIOGRAFIA E LITERATURA NA PRODUÇÃO DO ESCRITOR LIMA BARRETO	
Carlos Alberto Machado Noronha	
DOI 10.22533/at.ed.55919050716	

CAPÍTULO 17	181
A PROCESSUALIDADE DE UMA POLÍTICA COOPERATIVA NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES SURDOS NO ENSINO SUPERIOR	
Euluze Rodrigues da Costa Junior	
Reginaldo Célio Sobrinho	
Edson Pantaleão	
Giselle Lemos Shmidel Kaustsky	
DOI 10.22533/at.ed.55919050717	
CAPÍTULO 18	190
CONHECIMENTOS SOBRE A APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA: BASE PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA	
Giselle Lemos Schmidel Kautsky	
Reginaldo Celio Sobrinho	
Edson Pantaleão Alves	
Euluze Rodrigues da Costa Junior	
DOI 10.22533/at.ed.55919050718	
CAPÍTULO 19	199
DIREITOS SOCIAIS E AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA FIGURACIONAL DE NORBERT ELIAS	
Monica Isabel Carleti Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.55919050719	
CAPÍTULO 20	210
CENTROS DE PESQUISA SOBRE A VIOLÊNCIA NO BRASIL	
Bárbara Birk de Mello	
Luiz Antonio Gloger Maroneze	
DOI 10.22533/at.ed.55919050720	
CAPÍTULO 21	221
DESAPRENDENDO O JÁ SABIDO: O “ESTADO NOVO” NO EMBALO DO SAMBA	
Adalberto Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.55919050721	
CAPÍTULO 22	238
CINEMA, CULTURA POPULAR E MEMÓRIA NA VISÃO DO CINEASTA HUMBERTO MAURO	
Sérgio César Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.55919050722	
CAPÍTULO 23	248
DAS PÁGINAS DOS JORNAIS PARA AS TELAS: A REPRESENTAÇÃO DO ESQUADRÃO DA MORTE NO CINEMA BRASILEIRO DA DÉCADA DE 1970	
Renata dos Santos Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.55919050723	
CAPÍTULO 24	259
O LUGAR DO MÚSICO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E REGIONAL	
Douglas José Gonçalves Costa	
DOI 10.22533/at.ed.55919050724	

CAPÍTULO 25	269
ROTAS DE TEATRO, BRASIL E PORTUGAL: ENCENAÇÕES, ENGAJAMENTO E CRIAÇÃO ARTÍSTICA NOS ANOS 1960 E 1970	
Kátia Rodrigues Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.55919050725	
CAPÍTULO 26	281
FICCIONALIZANDO REALIDADES: RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA EM “THE HANDMAID’S TALE”, DE MARGARET ATWOOD	
Isabela G. Parucker	
DOI 10.22533/at.ed.55919050726	
CAPÍTULO 27	290
ÍNDIOS PANKARÁ: ENTRE A SERRA E O RIO. HISTÓRIA, MEMÓRIA E ALTERIDADE	
Alberto Reani	
DOI 10.22533/at.ed.55919050727	
CAPÍTULO 28	301
NO SÉCULO XVIII, OS INDÍGENAS NA FORMAÇÃO DA CAPITANIA DE MATO GROSSO	
Gilian Evaristo França Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55919050728	
CAPÍTULO 29	316
A METODOLOGIA KELLYANA APLICADA À TEMÁTICA INDÍGENA	
Rosemary Pinheiro Da Paz	
DOI 10.22533/at.ed.55919050729	
CAPÍTULO 30	329
UMA VISÃO DOS INDÍGENAS DO SUL DE MINAS NOS RELATOS DE ALGUNS MEMORIALISTAS	
Gustavo Uchôas Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.55919050730	
CAPÍTULO 31	340
INTERCÂMBIO DE IDEIAS: CORRESPONDÊNCIAS ENTRE ARTHUR RAMOS E MELVILLE HERSKOVITS (ACERCA DA CULTURA AFRO-AMERICANA, 1935-1949)	
Heloísa Maria Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.55919050731	
CAPÍTULO 32	352
ENSINO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A FORMAÇÃO DO CIDADÃO: O VALOR DA CAPOEIRA	
Jefferson Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55919050732	

CAPÍTULO 33 363

ESMERALDINAS, CREMILDAS E LOURDES:TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS NO MOVIMENTO QUILOMBOLA NO RIO ANDIRÁ, FRONTEIRA AMAZONAS/PARÁ (2005-2016)

João Marinho da Rocha

Marilene Correa da Silva Freitas

DOI 10.22533/at.ed.55919050733

SOBRE A ORGANIZADORA..... 372

UMA VISÃO DOS INDÍGENAS DO SUL DE MINAS NOS RELATOS DE ALGUNS MEMORIALISTAS

Gustavo Uchôas Guimarães

Professor - Secretaria de Estado de Educação de
Minas Gerais
Elói Mendes - MG

**A VIEW OF THE INDIGENOUS PEOPLE OF
THE SOUTH OF MINAS GERAIS IN THE
REPORTS OF SOME MEMORIALISTS**

RESUMO: A pesquisa sobre a história das localidades do sul de Minas Gerais revela diversos relatos de memorialistas que contam a história dos municípios sul-mineiros e oferecem um panorama da formação do sul de Minas. Vamos analisar como a presença indígena no sul das Gerais é abordada pelos memorialistas Luís Barcelos de Toledo e Monsenhor José do Patrocínio Lefort, além do jornalista Bernardo Saturnino da Veiga e da historiadora Thalita de Oliveira Casadei. A análise dos relatos destes autores possibilita-nos ter um panorama do pensamento sobre o indígena e das formas como se o mencionam ou estudam fora do meio acadêmico e oferece o enriquecimento das informações e conhecimentos sobre a presença indígena no sul de Minas, ajudando no esforço de resgate da história indígena em pequenas localidades interioranas.

PALAVRAS-CHAVE: Indígenas; Memorialistas; Ponto de vista.

ABSTRACT: The research on the history of the localities of southern Minas Gerais reveals several reports of memorialists that tell the history of the municipalities of the south of Minas Gerais and offer a panorama of the formation of the south of Minas Gerais. Let us analyze how the indigenous presence in the south of the Gerais is approached by the memorialists Luís Barcelos de Toledo and Monsignor José do Patrocínio Lefort, besides the journalist Bernardo Saturnino da Veiga and the historian Thalita de Oliveira Casadei. The analysis of these authors' reports enables us to have an overview of the thinking about the indigenous and the ways in which they mention or study outside the academic environment and provides the enrichment of information and knowledge about the indigenous presence in the south of Minas Gerais, helping in the effort of rescue of the indigenous history in small localities.

KEYWORDS: Indigenous; Memorialists; Point of view.

1 | INTRODUÇÃO

O estudo da presença indígena no sul de Minas traz a tona escritores que registram momentos da vida indígena sul-mineira, seja focando nesta presença ou em função dos relatos sobre a formação de vilas e cidades no sul das Gerais.

O sul de Minas¹ tem sua formação a partir da fundação da Freguesia de Santo Antônio do Vale da Piedade da Campanha do Rio Verde², nas primeiras décadas do século XVIII, com a busca e exploração de ouro na região do rio Verde³.

Antes, porém, que se constituísse um território chamado “Sul de Minas Gerais”, havia uma presença indígena que se manifestava em diversos povos. Paula (1966) expressa esta diversidade ao informar vários nomes e características de povos indígenas da região sul-mineira: Cataguás, Abatinguaras, Mandiboias, Moropaks, Lopo, Guanhões, Caxinés, Puri-mirins e Mariquilás, entre outros, alguns habitando o vale do rio Verde, outros as regiões em torno dos rios Grande e Sapucaí e outros ainda na região da Serra da Mantiqueira.

Tal presença indígena ainda hoje se nota, por exemplo, nas informações censitárias quanto ao número de indígenas nos municípios sul-mineiros⁴. Mas, apesar da atual presença atestada de forma censitária e dos relatos conhecidos que mencionam a figura indígena no processo histórico sul-mineiro, além das evidências desta presença muito antes de termos um recorte territorial conhecido como “Sul de Minas”, é necessário cada vez mais o resgate da história indígena sul-mineira por pesquisadores que venham a se interessar pelo tema e possam contribuir para a valorização das experiências históricas de pequenas localidades.

Nesta pesquisa, abordaremos brevemente a presença indígena sob o olhar de quatro escritores que incluíram menções aos indígenas em suas descrições do processo de formação da região sul-mineira ou, na ausência de menções, também mostram o posicionamento em relação à importância do indígena nos processos históricos regionais. Estes escritores analisados são o jornalista Bernardo Saturnino da Veiga⁵, o memorialista Luiz Barcellos de Toledo (1848-1922)⁶, o monsenhor José do Patrocínio Lefort (1914-1997)⁷ e a historiadora Thalita de Oliveira Casadei (1921-

1 De acordo com a Assembleia Legislativa de Minas Gerais, o sul de Minas tem atualmente 155 municípios. Para saber mais: <https://www.almg.gov.br/consulte/info_sobre_minas/index.html?aba=js_tabMacrorregioes&stlMacroregiao=3> Acesso em: 10 fev.2017.

2 O nome consta no primeiro livro de assentamentos de batismo da paróquia de Santo Antônio (Campanha), contendo o livro registros de 1748 a 1777 e estando presente no Arquivo da Cúria Diocesana da Campanha.

3 Utilizando nomes de localidades atuais, o rio Verde nasce na divisa dos municípios de Itanhandu e Passa Quatro e deságua no lago de Furnas, na divisa entre Três Pontas e Elói Mendes.

4 Em pesquisa feita por este autor no portal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) dedicado às informações sobre populações indígenas, constatou-se que, no Censo de 2010, um total de 1950 habitantes dos 155 municípios sul-mineiros se declararam indígenas.

5 Natural da cidade sul-mineira da Campanha, foi autor do Almanach Sul-Mineiro (1874 / 1884) e seu nome consta nas origens do município sul-mineiro de São Lourenço.

6 Natural da cidade sul-mineira de Cristina, foi autor do livro O Passado da Christina, uma série de anotações sobre a história cristinense até o início do século XX.

7 Natural da Campanha, foi autor de várias obras sobre a história de localidades e famílias sul-

2014)⁸. A pesquisa se deu mediante análise documental e bibliográfica, com a leitura de obras escritas pelos três autores acima citados, sendo estas encontradas tanto em arquivos - tais como o Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort⁹ e o Arquivo da Cúria Diocesana, ambos em Campanha - quanto em sites - como o acervo digitalizado do Arquivo Público Mineiro.

No primeiro capítulo, “Problemáticas memoriais”, abordaremos questões referentes aos memorialistas escolhidos para serem analisados neste estudo (por exemplo, razão da escolha dos autores e questões que geraram esta abordagem). No segundo capítulo, “De Veiga a Casadei”, analisaremos como Bernardo Saturnino da Veiga e Luiz Barcellos de Toledo tratam o elemento indígena na formação sul-mineira, além de abordar a visão sobre a presença indígena sul-mineira a partir das obras do monsenhor José do Patrocínio Lefort e analisar o que Thalita de Oliveira Casadei (junto com seu esposo Antônio Casadei) apresenta sobre os indígenas em sua obra a respeito de Campanha. Por fim, as últimas considerações retomarão o abordado nos capítulos anteriores, chamando novamente a atenção para a necessidade do resgate da história indígena em pequenas localidades.

2 | PROBLEMÁTICAS MEMORIAIS

No trabalho com memorialistas, dá-se atenção ao que cada autor tinha em mente como resultado das interações culturais, políticas e sociais de sua época, pois isto é refletido na obra que o autor escreve. Esta característica pode ser percebida nos memorialistas escolhidos para o presente estudo, como perceberemos ao longo dos capítulos seguintes.

A escolha de Veiga, Lefort e Casadei para esta análise e a própria análise feita destes autores é um desdobramento da pesquisa realizada em torno da presença indígena no município de Virgínia/MG¹⁰, donde vêm sobressaindo estes autores na medida em que se busca um entendimento mais detalhado da dinâmica de ocupação indígena e relacionamento do mesmo com os colonizadores na bacia do rio Verde. Já a escolha de Toledo é também um desdobramento da referida pesquisa, porém trata-se de um autor que é aqui analisado por não mencionar indígenas em sua obra, conforme veremos adiante.

Feitas as considerações acima, parte-se para o que se quer aqui abordar, trazendo a tona os questionamentos: Como é analisar o indígena tendo o memorialista como lente? Levando em conta que há várias óticas pelas quais enxergar os indígenas (o

-mineiras, tendo sido também chanceler do Bispado da Campanha.

8 Natural da cidade fluminense de Campos dos Goytacazes e casada com o jurista campanhense Antônio Casadei (1909-1997), com quem escreveu Aspectos Históricos da Cidade da Campanha.

9 O Centro de Estudos tem grande acervo de publicações referentes ao sul de Minas, com destaque para jornais sul-mineiros dos séculos XIX e XX e livros escritos por memorialistas de vários municípios da região.

10 A pesquisa iniciou em 2015 com a participação deste autor no curso “Cultura e História dos Povos Indígenas” (UFSJ) e teve os primeiros resultados apresentados na XIV Semana de História da UFSJ (2016).

colonizador, o clérigo ou, principalmente, o próprio indígena), como ficam os mesmos sob a ótica do memorialista? Qual a importância de se perceber o indígena e seus processos históricos, culturais e sociais através de relatos de não-índios?

No caso específico desta pesquisa e análise, temos o olhar dos quatro memorialistas escolhidos como óticas para percebermos a presença do indígena na formação do território que hoje chamamos de “sul de Minas” e como este indígena era percebido e abordado no relato dos processos históricos regionais. Tais óticas podem contribuir para entendermos as mentalidades e projetos em torno dos indígenas na época de cada memorialista aqui analisado, partindo das próprias mentalidades e projetos que cada um carrega e representa ao mencionar (ou não) o elemento indígena na formação sul-mineira.

3 | DE VEIGA A CASADEI

Como os demais autores aqui analisados, Bernardo Saturnino da Veiga e Luís Barcellos de Toledo não focavam o elemento indígena em seus relatos. Esta omissão em relação aos indígenas diz muito a respeito da forma como os indígenas apareciam aos olhos de quem descrevia processos históricos até o século XX, época em que se dá maior relevo à história indígena como campo de reflexão (OLIVEIRA; CAVALCANTE, 2015).

Bernardo Saturnino da Veiga publicou o Almanach Sul-Mineiro em 1874 e 1884, detalhando aspectos históricos, geográficos, naturais, sociais, econômicos e culturais dos municípios e seus distritos que compunham, à época, o sul de Minas Gerais. As edições do Almanach trazem, para a maioria dos municípios, ricos detalhes sobre os aspectos mencionados acima, inclusive com os nomes de pessoas mais importantes de cada município ou distrito (padres, juizes, advogados, médicos, fazendeiros, comerciantes, etc). Porém, as edições do Almanach mantêm um quase total silêncio sobre presença indígena na região.

Este silêncio sobre os indígenas é quebrado apenas por esparsas menções, como na referência ao nome de Itajubá: “descobrirão a Pedra vermelha, formoso rochedo que visto ao longe tem aquella côr, mas que examinado de perto é todo listrado de uma linda côr amarella, pelo que mais propriamente a denominavão os indígenas Ita-jubá (pedra amarella)” (VEIGA, 1874, p. 281). Outra menção importante refere-se a Baependi:

É tradição do lugar [Baependi] que no anno de 1692 [...] residião na villa de Taubaté [...] Antonio Delgado da Veiga, seu filho João da Veiga e Manoel Garcia, que entranhão-se pelo sertão para aprehenderem gentios [indígenas] [...].

Desses indígenas ouvirão elles, que além da serra que ao sul de Minas se levanta, [...] havia muito ouro, [...] onde o selvagem campeava descuidoso e livre.

Nessa excursão acompanhavão aos aventureiros alguns índios domesticados, guias de caminho e intérpretes de linguagem desconhecida.

Vadeado o Parahyba, nas fraldas da serra encontrarão um aldeamento de índios

e ali pernoitarão no alto de um morro, dando o nome de Pouso-Alto ao lugar onde hoje existe a freguezia desta denominação.

Seguindo caminho a margem do rio Verde, encontrarão um outro rio que nelle despejava suas águas, e na margem opposta do rio tributário avistarão um índio, a quem um dos intérpretes dirigiu a seguinte pergunta: - Bae pendency? - que na linguagem daquelles filhos das florestas significava - que nação de gente é a tua?

Os paulistas acharão graciosa a interrogação e derão á esse rio o nome de Baependency [...]. (VEIGA, 1874, p. 395-396)

Uma história semelhante é relatada por Veiga no mesmo livro (p. 425), envolvendo exploradores vindos de Taubaté, no entanto estes acabaram se envolvendo em um conflito com indígenas e os mataram, no contexto da origem da localidade sul-mineira de Aiuruoca. Estas e outras dispersas menções nas edições do Almanach Sul-Mineiro¹¹ mostram a pouca importância dada à história indígena no século XIX, em uma mentalidade que tratava o indígena como “selvagem”, “gentio” ou até mesmo referindo-se aos indígenas com termos que normalmente utilizamos hoje em relação a animais (“índios domesticados”).

O elemento indígena no sul de Minas quase desaparece do relato de Bernardo Saturnino da Veiga quando, no histórico da maioria dos municípios sul-mineiros, apresenta tais municípios como tendo brancos por primeiros povoadores (sejam paulistas, portugueses ou brasileiros oriundos de outras regiões do país).

Luís Barcellos de Toledo não faz diferente de Bernardo Saturnino da Veiga. Em sua obra *O Passado da Christina*, Barcellos, além de não se referir aos indígenas no contexto histórico cristinense, afirma o seguinte: “Baependency, Ayuruoca e Pouso Alto e outros povoados de Minas contavam mais de meio século de vida e o nosso Sertão estava ainda deserto.” (TEIXEIRA, 2013, p. 296).

Apesar da informação dada por Barcellos sobre uma possível inexistência de indígenas em Cristina (“o Sertão estava ainda deserto”), Teixeira (2013, p. 66) relata que em Cristina havia indígenas Puri e Coroados, que “eram encontrados em todo o território do chamado Sertão da Pedra Branca, onde se localizam Cristina e suas cidades vizinhas”. Teixeira ainda menciona vestígios rupestres e arqueológicos que comprovam presença indígena em Cristina e arredores antes dos Puri e dos Coroados habitarem a região.

Monsenhor José do Patrocínio Lefort deixou várias obras sobre localidades e genealogias sul-mineiras, mas neste estudo vamos nos ater às obras “A Diocese da Campanha”, “Cidade da Campanha” e “O Sul de Minas e as Bandeiras”.

“A Diocese da Campanha” traz detalhes sobre origens de cada paróquia da Diocese que intitula o livro. As menções aos indígenas estão dispersas pelo livro: menções à origem dos nomes Aiuruoca (p. 35), Baependi (p. 50), Caxambu (p. 117), Mutuca, atual Elói Mendes (p. 165), e Catanduvás, atual Varginha (p. 327); a informação de que havia “6 índios casados” em Cristina no ano de 1825¹² (p. 146);

11 As duas edições relatam as mesmas histórias aqui mencionadas.

12 O dado foi levantado em 1825 pelo padre José Maria Fajardo de Assis, que atuava em Pouso

possível referência a indígenas escravizados onde hoje é Cruzília (p. 152); uma menção da caça a índios feita por bandeirantes quando chegaram a Pouso Alto (p. 241); referência a indígenas que auxiliaram Gaspar Vás da Cunha, explorador que estaria na origem de São Gonçalo do Sapucaí (p. 267); e a possível atribuição aos indígenas das inscrições encontradas em São Thomé das Letras (p. 290).

Já em Cidade da Campanha, Lefort faz apenas uma menção a indígenas: “Notadamente os paulistas muito concorreram para o povoamento de Minas. Primeiro, em busca de índios; depois, de minérios e pedras preciosas; os bandeirantes levaram bem longe a civilização e o progresso”. (p. 17).

Em O Sul de Minas e as Bandeiras, Lefort aborda os indígenas no contexto das bandeiras que vieram ao sul de Minas atrás de índios e de pedras preciosas. Chega-se a usar elogios a personagens que exploraram o interior, descrevendo, por exemplo, o português Jaques Félix como “destemido sertanista” (1996, p.8). Lefort também aborda a lenda de Sabaraboçu - “grande pedra reluzente” (1996, p. 5) -, que moveu exploradores para o interior em busca de ouro e outras pedras preciosas, e traz informações sobre povos indígenas que viviam na serra da Mantiqueira à época do bandeirantismo¹³. Na descrição de características deste indígenas, Lefort destaca os Cataguás (segundo ele, descendentes dos Tremembés e vindos do Jaguaribe, região do Ceará), atribuindo-lhes uma “ferocidade comprovada por muitas vitórias e pelo seu temperamento agressivo” (p. 7), o que fez dos Cataguás um alvo a ser combatido pelos bandeirantes em suas tentativas de capturar e escravizar indígenas. No mais, o autor descreve os caminhos de algumas bandeiras pelo sul de Minas, mencionando o contato dos bandeirantes com os indígenas em episódios como a expedição de Lourenço Castanho Taques combatendo os Cataguás (1669) e o encontro da bandeira de Antônio Delgado da Veiga com um aldeamento indígena (1692), onde hoje é a cidade de Pouso Alto.

Dentre as obras de Thalita de Oliveira Casadei e Antônio Casadei, abordaremos especificamente Aspectos Históricos da Cidade da Campanha, que traz muitas informações sobre a presença indígena no sul de Minas durante a colonização portuguesa.

Nos subtítulos O Elemento Indígena no Sul de Minas (1989, p. 29-30), Portugueses, Paulistas, Negros, Além dos Índios no Sul de Minas (p. 30-32) e Índios no Município de Liberdade (p. 32-34), Casadei descreve aspectos que envolviam os indígenas na região sul-mineira, como, por exemplo, a atribuição de nomes como carijós e gentios da terra.

A abordagem também traz registros de batismo de indígenas de Baependi, mostrando o contato logo estabelecido entre culturas indígenas e catolicismo assim que os exploradores portugueses e paulistas começaram a trazer suas bandeiras para

Alto.

13 São os mesmos povos mencionados por Paula (1966), conforme já referido na Introdução deste texto.

o sul de Minas. Inclusive, nestes registros de batismo constam casos de indígenas que tiveram padrinhos negros, como no caso a seguir: “1743 - José, filho de Catarina carijó, administrada que foi de Pedro da Silva. Os padrinhos eram escravos de Manuel de Sá e de Maria Leme do Prado” (1989, p. 30). Além disso, dá-se também a entender que havia casos de indígenas em Baependi que tinham a seu serviço negros escravizados: “Bento, filho de Juliana carijó, administrada de Baltasar Fernandes. Os padrinhos foram os escravos de Maria Leme e Antônia carijó, administrada de José Martins” (p. 30).

Sobre a palavra “administrado” em registros apontados por Casadei, ela ressalta que “o índio era livre e, muitas vezes, aparece administrado por certas famílias ou empregado” (p. 30), indicando que tais indígenas podiam estar aos cuidados de famílias “brancas” ou líderes religiosos que os civilizariam. A ideia volta no mesmo parágrafo, quando menciona a “aldeia dos Padres da Campanha [...]. Acreditamos tratar-se de uma missão religiosa”.

Na descrição da presença indígena no sul de Minas e a relação com outros componentes da população, é interessante notar a menção de casamentos entre negros e indígenas: “Manoel, filho de Amaro, carijó e sua mulher Rita, de nação mina, Vidal, filho de Gaspar preto de nação congo e sua mulher Catarina, carijó” (p. 31).

Por fim, o subtítulo Índios no Município de Liberdade traz informações sobre indígenas na região de Liberdade, que no século XIX fazia parte de Aiuruoca. Na verdade, é um apanhado de registros de batismo coletado de um livro de assentamentos do período de 1808 a 1817, fazendo menção principalmente a dois grupos indígenas às quais teriam pertencido os indígenas mencionados nos registros: Caxixanas¹⁴ e Moriguites¹⁵; neste último caso, há até uma referência ao batismo de um “chefe hereditário da Nação Moriguite” (p. 32), chamado José dos Santos Moriguite e que teria 70 anos ao receber o batismo católico.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os registros e menções de indígenas em território sul-mineiro refletem os contextos historiográfico e de pensamentos nos quais viveram os autores aqui analisados.

Em Bernardo Saturnino da Veiga e Luís Barcellos de Toledo, vemos uma quase indiferença em relação aos indígenas, mencionando-os esparsa ou raramente nos

14 Em pesquisa feita pelo autor deste texto no site de buscas *Google* (06 de maio de 2017), o termo “caxixana” aparece em apenas três resultados, sendo um deles referente a um livro, em língua francesa, intitulado *Le Pays des Amazones*, de Santa-Anna Nery (1885). O livro traz, na página 205, uma gravura de um indígena com a legenda “Indien Caxixana”. O acesso ao livro pode ser feito pelo link:

<http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or304420/or304420.pdf>

15 Em pesquisa feita pelo autor deste texto no site de buscas *Google* (06 de maio de 2017), o termo “moriguite” aparece em apenas quatro resultados, sendo um deles referente a uma publicação, em língua alemã, intitulada *Wissenschaftliches Magazin für Jünglinge* (1791). A revista traz, na página 176, menção aos Moriguites no contexto de uma explanação sobre povos sul-americanos. O acesso ao livro pode ser feito pelo link:

<<https://books.google.com.br/books?id=r3JIAAAAcAAJ>>

seus relatos, valorizando o “elemento branco” na formação dos municípios do sul de Minas e, no caso de Bernardo Saturnino da Veiga, reproduzindo o pensamento oitocentista do indígena como selvagem (aliás, até hoje há quem veja os indígenas como em estado de selvageria).

Monsenhor Lefort, nas poucas menções aos indígenas, os expõe no contexto do bandeirantismo e da formação dos municípios sul-mineiros, chegando a apresentar o bandeirante como alguém que leva progresso e civilização para o interior da colônia, em contraponto ao temperamento agressivo de alguns povos indígenas.

Os autores mencionados acima normalmente apresentam a formação de municípios sul-mineiros como iniciativa de povoadores brancos. Esta forma de relatar traz a nós algumas questões a serem feitas e analisadas.

A primeira delas refere-se aos interesses destes autores no contexto dos projetos que se desenvolviam para o indígena em suas épocas. No caso de Veiga e Toledo, os contextos de suas obras (último quarto do século XIX e primeiro quarto do XX) se caracterizavam pelo “apagamento” do indígena e conseqüente construção de um nacionalismo com moldes europeus (ALMEIDA, 2012, p.22). No caso de Lefort, o contexto de suas obras (terceiro quarto do século XX) ainda evidenciava um pensamento de desesperança em relação ao futuro dos povos indígenas, tratando-os como extintos aos poucos e fadados ao completo extermínio (seja pela violência ou pela integração à “civilização brasileira”), além de carregar antigos pensamentos de que a violência dos colonizadores (por vezes elogiados pela coragem e bravura) era própria de sua época, podendo esta violência ter uma análise amenizada ou até ser “perdoada” se comparada com a violência contra os indígenas das colônias espanholas (PORTELA, 2009, p. 152-153).

Outra questão sobre a formação do sul de Minas ser atribuída a povoadores brancos tange à característica nômade de vários povos indígenas que viviam no que hoje é território sul-mineiro. Ribeiro (2008, p. 51), ao falar dos indígenas que viviam no século XVIII no território de Minas, aponta que “a migração era como um estilo de vida dos índios”. Os memorialistas analisados (em especial Veiga, Toledo e Lefort) tinham em mente esta característica nômade de alguns povos? Eles pensavam nesta característica como razão para se atribuir o povoamento do sul de Minas a quem efetivamente tomava posse das terras (por quaisquer meios), assentando-se nelas e formando núcleos populacionais sedentários? São questões a serem refletidas e dissertadas em futuras pesquisas e abordagens.

Já Thalita Casadei apresenta, junto com Antônio Casadei, um panorama da presença indígena principalmente com dados de assentos paroquiais. O que Casadei resgata para compor seu relato no contexto da história campanhense revela importantes características das relações dos povos indígenas com os colonizadores que chegaram ao sul de Minas. Uma destas características é o contato dos indígenas com pregadores católicos, levando a conversão até mesmo de chefes de grupos indígenas e de muitos adultos, como podemos ver no trecho referente ao município de Liberdade, em que

Casadei apresenta registros de indígenas batizados já na fase adulta (1989, p. 32-34):

Félix Soares, índio silvestre, Moriguite de Nação, filho de pais pagãos e representava ter idade de 40 anos [...].

Margarida Francisca, índia de Nação, 34 anos [...].

Miguel Ferreira de nação Moriguite, filho de pais falecidos no Paganismo, que representava 36 anos de idade [...].

José Maria, Caxixana de nação; que representava vinte e seis anos de idade[...].

Vemos aqui evidência do trabalho missionário no sul de Minas, pela conversão dos indígenas ao catolicismo, e da reprodução da mentalidade de que o indígena não católico é pagão. Converter os indígenas era também uma forma de trazer ao Estado português o apoio para a interiorização do projeto colonizador. Este processo de trazer os indígenas à causa colonizadora era normalmente chamada de “domesticação”, como vemos, por exemplo, em documento do Conselho Ultramarino recomendando a catequização dos Puri para que fossem “domesticados” os Botocudo, tidos no documento como ferozes e antropófagos (AVISO..., 1801, in: REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, 1897, p. 687). Além de olharmos a catequização como caracterizada acima, deve-se considerar que o indígena nem sempre se converte de forma passiva. Quanto aos indígenas mencionados por Casadei, por exemplo, podemos conjecturar até que ponto as conversões não podem ter sido uma iniciativa premeditada de aproximação como forma de resistência, ou ainda, pensar nas possibilidades das formas rituais ou dos costumes e mentalidades não terem sido totalmente retirados do meio indígena que se converteu ao catolicismo naquela localidade.

Além do fator religioso nas relações entre indígenas e colonizadores, também vemos em Casadei a menção a casamentos entre negros e indígenas, evidenciando ainda mais o processo de formação do sul de Minas como resultado de entrelaçamentos culturais, e a referência a povos que migravam pelo sul de Minas ou vinham de fora da região, como podemos hipotetizar ao pesquisarmos mais a fundo os nomes Caxixana e Moriguite¹⁶.

Casadei, mesmo sendo historiadora (IHGB, s/d), foi incluída entre os memorialistas neste estudo dado o caráter da sua obra aqui analisada, visto que, ao abordar o elemento indígena no território sul-mineiro, faz apenas uma memória deste elemento, ou seja, expõe dados e fatos sem aprofundá-los à luz da historiografia de sua época, apresentando apenas um panorama da presença indígena no contexto das origens de Campanha.

16 No livro referido na nota 14 desta pesquisa, o nome Caxixana é mencionado no contexto da análise sobre indígenas do Amazonas. Já na revista mencionada na nota 15, o nome Moriguite é mencionado no contexto de uma referência a Pernambuco. Isto gera uma conjectura a respeito de uma possível migração de grupos indígenas amazônicos e nordestinos em direção a Minas Gerais (expulsos pelos colonizadores, por exemplo) ou gera uma dúvida em relação aos próprios nomes “caxixana” e “moriguite”, no sentido de pensarmos se podem ser atribuídos a povos específicos ou se são termos genéricos para se referir a vários povos.

Nos autores aqui analisados, percebemos que suas abordagens são “filhas de seu tempo”, ou seja, reproduzem o que era tendência em suas épocas, desde o destaque, no século XIX, ao indígena como selvagem a ser “domesticado”, até a visão mais aberta na década de 1980, com uma maior consciência da importância de se resgatar a história indígena: “a pesquisa sobre o elemento indígena que habitou o território hoje mineiro é pequeno [sic] e qualquer contribuição, por menor que seja, ajuda a elucidar os nomes das primitivas tribos e suas localizações e migrações” (CASADEI e CASADEI, 1989, p. 32).

Um estudo como este procura contribuir com as abordagens que vêm sendo realizadas a respeito do indígena no sul de Minas. Tal contribuição deve motivar outros pesquisadores para que trabalhem no resgate da história indígena sul-mineira e no fortalecimento da ideia de protagonismo do indígena nos processos históricos regionais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na História do Brasil no século XIX: da invisibilidade ao protagonismo**. Revista História Hoje, v. 1, nº 2, 2012, p. 21-39. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/download/39/29>> Acesso em: 18 jun.2017.

AVISO do secretário do Conselho Ultramarino José Gomes de Carvalho aos governadores e vice-governadores do Brasil referente de escola para catequizar os índios de Minas Gerais sobre a coordenação do padre Francisco da Silva Campos, Lisboa, 18 de setembro de 1801. In: **Catechese e civilização dos indígenas da Capitania de Minas Geraes**. Revista do Arquivo Público Mineiro, ano 2, número 4, out./dez.1897. Pág. 685-733. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtexport/index.php?cid=95&mid=31&full_pdf=1> Acesso em: 22 jan.2017.

CASADEI, Antônio; CASADEI, Thalita de Oliveira. **Aspectos históricos da cidade da Campanha**. Petrópolis: Editora Gráfica Jornal da Cidade, 1989.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO (IHGB). **Thalita de Oliveira Casadei**. Disponível em: <<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/TOCasadei.html>> Acesso em: 18 jun.2017.

LEFORT, Monsenhor José do Patrocínio. **A Diocese da Campanha**. Campanha: 1993.

_____. **Cidade da Campanha - Monografia histórica**. Campanha: 1970.

_____. **O sul de Minas e as bandeiras**. In: PREFEITURA MUNICIPAL DA CAMPANHA. **Campanhenses ilustres**. Campanha: 1996. Volume nº 8.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de; CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. **História indígena, historiografia e indigenismo: contribuições, desafios e perspectivas**. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/simposio/view?ID_SIMPOSIO=2006 Acesso em: 01.abr.2017. Publicado em: 2015.

PAULA, Alcibiades Viana de. **Primeiros habitantes de Varginha**. Revista da Associação Médica de Minas Gerais, v. 18, 21.nov.1966.

PORTELA, Cristiane de Assis. **Por uma história mais antropológica: indígenas na contemporaneidade**. Revista Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 12, nº 1, jan/jun. 2009, p. 151-160.

Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/viewFile/3170/4939>> Acesso em: 18 jun.2017.

RIBEIRO, Núbia Braga. **Os povos indígenas e os sertões das Minas do Ouro no século XVIII**. 2008. 405 p. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

TOLEDO, Luiz Barcellos de. **O passado da Christina**. In: TEIXEIRA, Luiz Gonzaga. **Cristina**. Belo Horizonte: Edição do autor, 2013.

VEIGA, Bernardo Saturnino da. **Almanach Sul-Mineiro para 1874**. Campanha: Typographia do Monitor Sul-Mineiro, 1874.

_____. **Almanach Sul-Mineiro para 1884**. Campanha: Typographia do Monitor Sul-Mineiro, 1884.

SOBRE A ORGANIZADORA

Denise Pereira: Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-455-9

